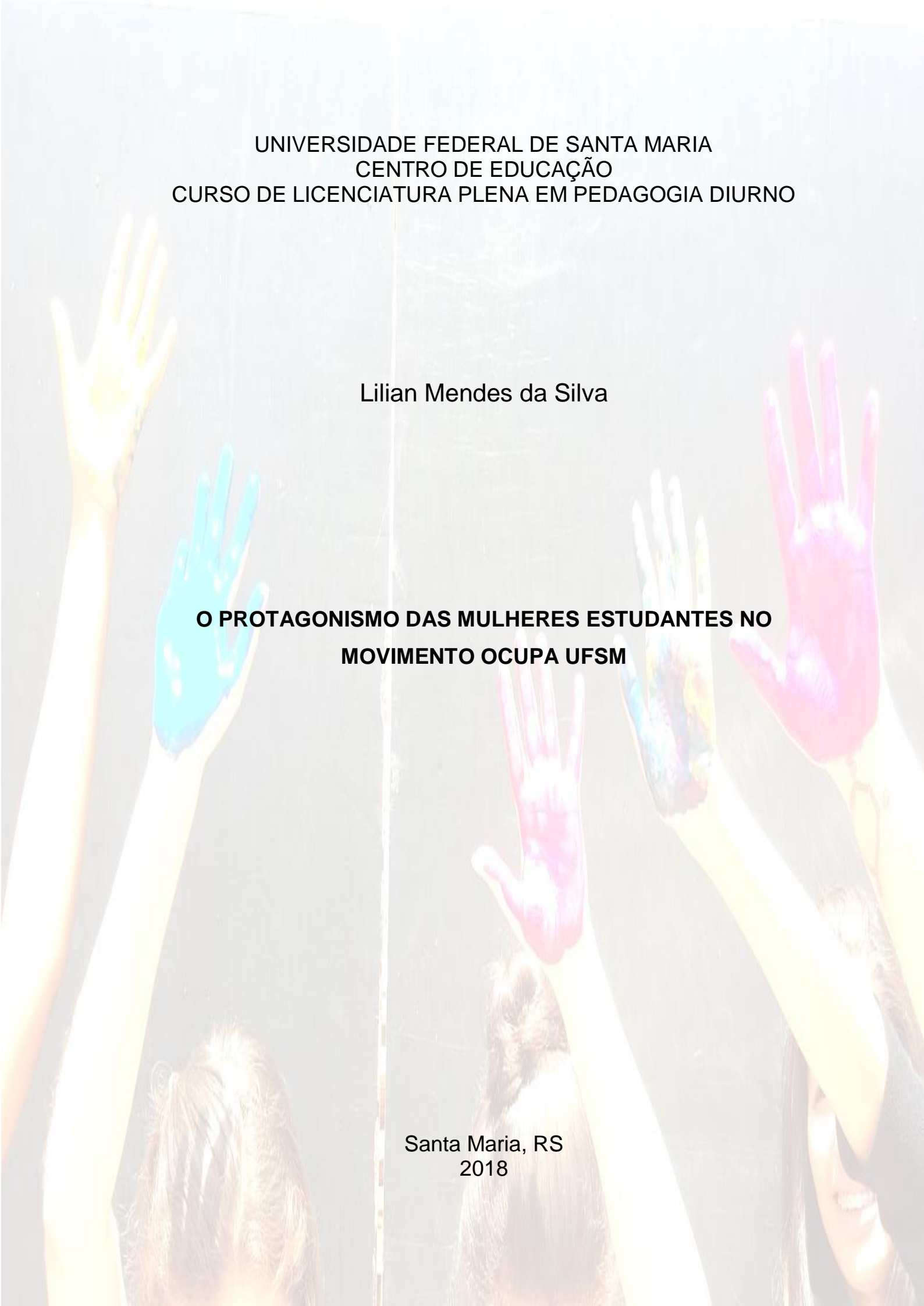


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA DIURNO

Lilian Mendes da Silva

**O PROTAGONISMO DAS MULHERES ESTUDANTES NO
MOVIMENTO OCUPA UFSM**

Santa Maria, RS
2018



Lilian Mendes da Silva

O PROTAGONISMO DAS MULHERES ESTUDANTES NO MOVIMENTO OCUPA UFSM

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Pedagogia**.

Orientadora: Sueli Salva

Santa Maria, RS
2018

Lilian Mendes da Silva

**O PROTAGONISMO DAS MULHERES ESTUDANTES NO MOVIMENTO OCUPA
UFSM**


Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Pedagogia**.

Aprovado em 03 de dezembro de 2018:

Sueli Salva, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Simone Freitas da Silva Gallina, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018



Entre tantos ataques
Direitos sendo retirados diariamente
Inquietas e descontentes, precisávamos mudar.
Mesmo que tudo estivesse desconectado,
Era preciso andar lado a lado.
A inquietação borbulhava
E o movimento se organizava:
Debate, discussão, votação – a favor da ocupação!
E lá se foi um mês
De resistência, encontro, união
De luta, garra, força e revolução
Nos sorrisos, no samba e nas danças:
Respeito, diversidade e mudança
O Ocupa foi um preencher e encontrar-se
Um conhecer-se e reinventar-se
Um megafone para nossas vozes
Uma tela em branco para nossas ideias
Através dele, nos empoderamos
E para narrar a história, aqui estamos

Lilian Mendes da Silva

RESUMO

O PROTAGONISMO DAS MULHERES ESTUDANTES NO MOVIMENTO OCUPA UFSM

AUTORA: Lilian Mendes da Silva
ORIENTADORA: Sueli Salva

Este trabalho materializa a pesquisa narrativa sobre o tema protagonismo das mulheres estudantes no movimento Ocupa CE/UFSM. A perspectiva teórica está ancorada em Connelly e Clandinin (2015), que consiste em uma forma de narrar e compreender as experiências. As experiências narradas neste texto foram vivenciadas no movimento de ocupações da Universidade Federal de Santa Maria, chamado Ocupa UFSM, no final do ano de 2016. Esse movimento se deflagrou como resistência à Proposta de Emenda Constitucional 55 (atual Emenda Constitucional 95 de 2016) e a Medida Provisória do Ensino Médio 746 (atual Lei 13.415 de 2017). A participação de jovens mulheres nesse movimento foi muito expressiva e, com o propósito de dar visibilidade às vozes femininas são relatadas experiências de algumas participantes que vivenciaram esse processo de luta e resistência. Enquanto movimento político os resultados já impactam no cotidiano da Universidade com a redução de recursos, que ocorrem continuamente desde a destituição da Presidenta da república (2016). Neste trabalho nos propomos como objetivo compreender as significações sobre a participação no Ocupa CE de jovens mulheres que participaram do movimento. As narrativas que frutificaram do Ocupa CE evidenciam um protagonismo feminino neste movimento, no qual as participantes empoderaram-se, tiveram suas vozes e ações ativas e, se reconheceram como produtoras de política. As relações de poder no Ocupa UFSM foram bastante horizontais, pois foi um espaço em que sujeitos que não se sentiam contemplados (negros/as, homossexuais, mulheres) encontraram representatividade. O Ocupa UFSM também produziu nos/as estudantes aprendizagens para além dos conteúdos formais, ressignificando a vida na universidade.

Palavras-chave: Protagonismo das mulheres. Movimento Ocupa CE/UFSM. Pesquisa narrativa.

SUMÁRIO

1	AS PRIMEIRAS PALAVRAS – NARRAÇÃO DE UM PERCURSO.....	6
2	OUTRAS PALAVRAS – TRAÇANDO CAMINHOS.....	10
3	PALAVRAS ANDANTES: EU, A VIDA NA UNIVERSIDADE E A SITUAÇÃO POLÍTICA DO BRASIL	13
4	PALAVRAS DE RESISTÊNCIA: MOVIMENTOS SOCIAIS E MOVIMENTOS DE MULHERES	18
4.1	PALAVRAS MOVEDIÇAS: MOVIMENTO DAS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS... 19	19
4.2	PALAVRAS ENGAJADAS: MOVIMENTOS DAS MULHERES.....	20
4.3	PALAVRAS DE REVOLUÇÃO: OCUPA UFSM E OCUPA CE.....	21
5	PALAVRAS CONTÍNUAS – SEGUINDO UM PERCURSO.....	31
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	Erro!

Indicador não definido.

1 AS PRIMEIRAS PALAVRAS – NARRAÇÃO DE UM PERCURSO

Estas primeiras palavras não são as primeiras que foram pensadas. São as primeiras que tive a ousadia de deixar como marcas no papel. Elas se propõem a narrar o percurso vivido por mim em uma experiência que foi além dos estudos teóricos sobre a docência, durante o processo de formação em Pedagogia. Esta experiência se compôs como formação para me constituir docente, e, a partir dela, compreendi que a formação para a docência é mais abrangente. Em alguma medida, compreendi o seu sentido político e porque não dizer, estético.

De uma forma particular, essa escrita busca compreender aspectos vivenciados também por outras jovens mulheres, mais especificamente, sobre a participação no movimento das ocupações, que é denominado aqui Ocupa CE, realizado no ano de 2016 na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Considero o tema relevante uma vez que, quando se trata de pesquisas sobre a participação dos jovens em movimentos sociais, podemos observar uma vasta produção. Entretanto, no que se refere às pesquisas sobre a participação feminina nesses movimentos, as produções ainda são muito tímidas, deixando as jovens mulheres à margem da história – apesar da intensa participação dessas em muitos movimentos, segundo Wivian Weller (2005).

Destaco ainda que embora o Movimento de Ocupação do Centro de Educação (CE) - Ocupa CE tenha sido noticiado em jornais, rádios, televisão e internet, por se tratar de uma manifestação muito recente, as produções acadêmicas sobre ela ainda são iniciais.

O movimento Ocupa CE foi vivenciado majoritariamente por mulheres, as quais tiveram um papel ativo e significativo e, em certo aspecto, criaram formas de fazer política, com traços femininos que, segundo Salva (2008) podem ser considerados como uma “microrrevolução”. O movimento Ocupa CE protagonizado pelas jovens mulheres não teve um único objetivo, não teve uma única significação, mas pode significar uma microrrevolução na medida em que não se pode perceber grandes mudanças em um viés macro da política, mas pode, por outro lado, provocar pequenas mudanças nos modos de compreender a política e de atuar politicamente, ainda pode causar impacto do ponto de vista pessoal, subjetivo, como causou em mim.

A ideia de microrrevolução foi trazida por minha orientadora professora Sueli Salva. A provocação sobre o assunto, segundo narrou a professora, iniciou no período do pós-doutoramento em Milão, quando participou de um seminário sobre movimentos sociais juvenis na Università degli Studi di Milano (UNIMI/Bicocca – Itália) com a Professora e Socióloga italiana Carmem Leccardi (UNIMI/Bicocca) e o Professor e pesquisador espanhol Carles Feixa (Universidade de Aleixa – Espanha), que caracterizou os movimentos juvenis como “Primavera Árabe”, “Indignados” e os movimentos que antecederam a Copa das Confederações no Brasil como portadores de “microutopias”. A concepção sugere que os/as jovens que protagonizaram tais movimentos não tinham um único objetivo para aderir o movimento inserindo-o em uma pauta única ou macroestrutura, mas várias pequenas pautas que se caracterizavam como microutopias. A professora Sueli Salva então indaga Carles Feixa se ele considera que essas microutopias podem provocar, de algum modo, microrrevoluções. Ele responde que não havia pensado sobre isso, mas que era um conceito que ela própria poderia desenvolver. De acordo com relato da Professora Sueli Salva, de sua experiência no seminário, me atrevo a pensar que os movimentos protagonizados pelas estudantes no Ocupa CE, parecem sinalizar microutopias, e neste sentido parecem provocar microrrevoluções em cada uma das participantes, quer seja na relação com a formação acadêmica, na subjetividade e na própria constituição de si. A luta, que inicia como um movimento de participação política parece escorregar e afetar outros aspectos do sujeito. Não há uma única utopia, nem uma utopia que dê conta de tudo. Há microutopias, por dentro de um movimento político, que pode levar a microrrevoluções.

No caso das jovens participantes do Ocupa CE, essas microrrevoluções podem estar associadas a alguns aspectos do feminismo, como o empoderamento, o lugar de escuta, o direito de ocupar o espaço público, a solidariedade, o estar junto. Enquanto movimento social contemporâneo o feminismo considerado por Alberto Melucci (2001a), como um dos movimentos mais importantes do século XX.

Decidi escrever e pesquisar sobre esse tema porque há um tempo as questões de gênero e feminismo têm me inquietado e também recentemente tenho me identificado com as discussões sobre juventude, uma vez que aos poucos venho me compreendendo como jovem e, além disso, também participei ativamente do movimento Ocupa CE.

Quando falo de jovens mulheres no movimento Ocupa UFSM, narro uma experiência pessoal e busco compreendê-la a partir dos significados construídos por mim, por outras jovens mulheres que participaram e fazem parte da pesquisa, entrelaçando com referenciais teóricos que abordam o tema. Esse entrelaçamento visa compreender o Movimento Ocupa CE, como um movimento de luta coletiva, como um processo de estar junto.

Walter Kohan em artigo recente publicado na Revista Educação (UFSM) faz uma reflexão sobre a música a partir do músico Italiano Ezio Bosso em que o mesmo diz que a música só tem sentido se a fizermos juntos (KOHAN, 2018), da mesma forma, um movimento só adquire sentido ao estar junto. O conceito de estar junto, não necessariamente confere o mesmo sentido de “estar junto” para todos/as, este é construído por cada um e cada uma que participa da experiência. Por essa razão justifica-se a pesquisa, uma vez que pretendo compreender os sentidos de estar junto com outras jovens mulheres no movimento.

Nesse caso, a luta das mulheres aconteceu em um movimento que não está ligado somente ao gênero e questões da natureza feminina, como luta pelo direito ao voto, luta pelo direito às creches, direito à educação, trabalho remunerado, etc., inscreve-se também no direito político de ter reconhecimento nas instâncias de poder e no sentido de estar junto, fazer parte, “ser” enquanto movimento político.

Da mesma forma, narrar esses acontecimentos e buscar compreender as significações da participação no movimento é também um ato político de resistência e de construção da história das mulheres. Escrever sobre as lutas femininas é importante para legitimar o espaço das mulheres como militantes, considerar suas vozes como protagonistas, dar legitimidade a sua forma de agir no cotidiano, uma vez que sua participação, cada vez mais, se evidencia em diferentes ações coletivas, porém ainda com falta de credibilidade.

Neste trabalho escrevo e me escrevo, narro e me narro, invento e me reinvento, porque vivi o movimento Ocupa CE por dentro, porque fiz parte dele, vivi uma experiência de estar entre, de ser múltipla, ser jovem, ser mulher, ser militante, ser parte do grupo, misturar-me, sendo eu mesma, de estar junto. No movimento fui e me tornei, na escrita sou e me produzo. Sou e me produzo através do movimento, sou e me produzo por meio dessa narrativa. Ao mesmo tempo em que a narrativa tem a possibilidade de narrar um evento, ela também produz o sujeito que narra, diz

Melucci (2001b). Salva (2008, p. 32) argumenta que “[...] os acontecimentos narrados não são os fatos ocorridos de modo separado do sujeito, como se este os olhasse de fora”. Tais acontecimentos estão entrelaçados ao que vivi, a minha experiência como sujeito, como estudante, como militante, como jovem mulher.

Este trabalho tem, portanto, como objetivo geral compreender as significações construídas pelas jovens mulheres sobre a participação no movimento Ocupa CE, como um modo de produzir uma existência juvenil feminina no interior do movimento Ocupa CE, vivenciado no ano de 2016. Como objetivos específicos, pretendo compreender conceitualmente as características do movimento; entender o papel das jovens mulheres no movimento e ainda o processo de formação dos jovens promovidos por esses movimentos.

Este trabalho adota a pesquisa narrativa como metodologia, a qual será apresentada a seguir. O capítulo que segue após a metodologia, apresenta um pouco da minha história na universidade e contextualiza a conjuntura política do Brasil na época em que ocorreu o Ocupa UFSM. Posteriormente, narro o movimento das ocupações seguido de uma reflexão sobre a participação das mulheres em movimentos sociais. Finalizo com a mesma intensidade que me compõe em toda essa narrativa sobre as experiências vividas no Ocupa UFSM e Ocupa CE, trago as minhas narrativas e de duas jovens participantes do movimento e, busco compreendê-las através de referenciais teóricos adotados. Após, seguem algumas palavras que narram as impressões desta pesquisa e da experiência no Ocupa UFSM. Após sobrevoou as palavras traçadas nesta narrativa para compreender de que forma a experiência do Ocupa CE impactou o meu processo formativo e o processo das demais participantes da pesquisa.

2 OUTRAS PALAVRAS – TRAÇANDO CAMINHOS

A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa narrativa, ancorada em autores como Connelly e Clandinin (1995). Essa perspectiva parte da experiência vivida, mas não se reduz a experiência de si, como única referência. A experiência de si se entrelaça a outras que também são narradas. Essa perspectiva, busca narrar a forma como um sujeito experimenta o mundo. Neste sentido a narrativa enquanto processo de produção e produção de si, busca compreender como essas jovens implicadas no movimento, o experimentaram. Narrar se configura em um movimento de construção e reconstrução da própria participação e da história. Connelly e Clandinin (1995, p. 12) defendem a perspectiva de que, cada sujeito “[...] vive vidas relatadas” e, no transcorrer de suas vidas, contam as histórias dessas vidas. O pesquisador tem outro papel que é de descrever essas vidas, “[...] recolher e contar histórias sobre elas”. No caso deste trabalho busco fazer os dois movimentos, contar e contar-me, produzir e produzir-me. Tento fazer o Ocupa CE nascer da minha interpretação, nascer da minha experiência e da experiência narrada por mais duas jovens sobre aquilo que viveram. Experiência de transformação pessoal através do estar junto e, de resistência e luta coletiva.

A pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência, e, como este trabalho parte da minha e das experiências de outras jovens, esta metodologia de pesquisa é a que mais contempla o desenvolvimento desta narrativa. Para Clandinin e Connely (2015, p. 30) “[...] as pessoas são indivíduos e precisam ser entendidas como tal. Mas eles não podem ser entendidos somente como indivíduos. Eles estão sempre em interação, sempre em um contexto social”. Por isso, busco compreender um pouco do contexto em que aconteceu o Ocupa UFSM, para enfim compreender as relações que foram construídas nesse movimento.

Segundo Connelly e Clandinin (2015, p. 51) “[...] um pesquisador pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram a vida das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social”.

Esta narrativa caracteriza a participação dos/as estudantes no Ocupa UFSM, entre outras definições, como uma experiência. Jorge Larrosa (2002, p. 21) considera que: “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos

toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Considero o Ocupa UFSM uma experiência porque ela foi algo que não só nos aconteceu, mas que nós mesmos/as a fizemos acontecer. Não fomos somente informados/as sobre este movimento, também não foi algo que aconteceu de maneira simultânea a nossa rotina. Quebramos a nossa rotina de aulas, bolsas, estágios para construirmos um processo que se caracteriza como uma experiência, pois dela e memórias e, que provocou transformações no espaço e na subjetividade dos sujeitos participantes.

Larrosa (2003) comenta que existe um processo que, via de regra, sempre acontece, no qual as pessoas se informam e após isso, opinam. E, que fazem isso de maneira quase automática. Por isso, o autor diz que a informação é um mecanismo de “anti-experiência”, uma vez que quando se fica nesse jogo de informação e opinião, as experiências podem passar despercebidas. Além da informação, Larrosa (2003, p. 91) considera que “[...] a velocidade e o que ela leva, a falta de silêncio e memória, são também inimigos mortais da experiência”. Refletindo a importância do silêncio, da memória e do tempo desacelerado para a possibilidade de se viver uma experiência, ao pensar a lógica em que a universidade acontece, parece não haver espaço para estes momentos. “[...] en educación estamos siempre acelerados y nada nos passa” (LARROSA, 2003, p. 92). É um ciclo contínuo e repetitivo, que faz com que todos semestres sejam muito semelhantes. Os/as estudantes não são incentivados a refletir sobre a lógica em que estão inseridos, por isso, o Ocupa UFSM foi tão transformador e necessário: nos fez pensar, passar e viver o tempo de outro modo, organizar e desfrutar dos espaços da universidade de novas formas, nos permitiu construir memórias que são compostas por todos os sentidos.

A experiência possibilita a construção de argumentos, o aprofundamento e a busca pela informação e o processo de formação que acontecem de acordo com as experiências que o sujeito já carrega, com o processo histórico vivenciado e leituras que possibilitam entender os movimentos sociais, como movimentos históricos e políticos. Por isso, cada estudante se envolveu de uma forma nesse movimento – ou, deixou de se envolver. E, por considerar que cada experiência constitui os sujeitos de forma única, a pesquisa narrativa vem para tentar compreender como

essa experiência foi vivida, como ela se refletiu ou ainda vem se refletindo na vida dessas participantes.

3 PALAVRAS ANDANTES: EU, A VIDA NA UNIVERSIDADE E A SITUAÇÃO POLÍTICA DO BRASIL

*“Não leve a mal o que eu vou te dizer, mas você foi criado pra obedecer.
E aqueles fantoches que estão no poder, não tão nem aí pro que tens a dizer
Não leve a mal o que eu vou te falar, mas você foi criado pra se conformar. Mais
uma engrenagem pra roda girar não fazendo nada, pra nada mudar.
Se movimente! E sinta os grilhões que te prendem
Se movimente! Não seja mais um que se rende!”
(Se movimente - Guantánamo Groove)*

A música “Se movimente” da banda santamariense Guantánamo Groove foi um dos hinos do Movimento das Ocupações na UFSM. Não por acaso, ela compõe o primeiro disco da banda chamado Ocupa. Seu estilo traz várias referências musicais, abraçando a diversidade sem perder sua identidade própria. É um som leve, dançante e poético - mas que possui uma mensagem forte e clara: se movimente. O Movimento juvenil denominado Ocupações, na UFSM teve bastante em comum com essa canção, uma vez que surgiu de um grito uníssono entre diferentes vozes, e que fez da coletividade dos sujeitos um instrumento de luta.

Desde que iniciei os estudos na UFSM, em 2014, as expressões “corte de gastos”, “redução de bolsas”, “greve”, “paralisação” eram faladas e ouvidas, nas salas de aula e nos corredores da Instituição. Embora vivêssemos em um período em que muitos recursos foram destinados a Universidade Pública, quer seja em forma de projetos com financiamento, quer seja em forma de rubrica para a própria instituição, nem sempre atendia as demandas de todos/as estudantes.

Durante os anos seguintes tive a oportunidade de participar de projetos como bolsista, de frequentar eventos gratuitos dentro da Universidade e de receber auxílio financeiro para participar de eventos fora da cidade - privilégio que nem todas as colegas puderam usufruir. Nesse período, houve greves dos Técnicos Administrativos e Servidores, com a qual alguns setores como o Restaurante Universitário e a Biblioteca ficaram paralisados.

Na realidade, o que estou buscando relatar é que por muito tempo estive alheia a todos esses movimentos: greves, atos na praça, trancaços¹ na entrada da universidade e rodas de conversa. A primeira experiência de participação de alguma forma de manifestação foi um ato na praça Saldanha Marinho, no centro da cidade de Santa Maria. A professora de uma disciplina nos convidou para participarmos de uma roda de conversa sobre feminicídio e violência contra a mulher. Ali nos reunimos, outras mulheres chegaram e fizeram cartazes, algumas se pronunciaram, outras também iniciando a experiência de militância, perguntaram para a professora que nos acompanhava como deveriam fazer. Ninguém sabia muito como fazer, mas todas estavam ali por uma razão que era comum. Algumas colegas também se pronunciaram. Neste grupo a maioria das pessoas era jovem e aos poucos foram chegando pessoas mais experientes. O grupo de mulheres não era grande, o movimento em si não agregou uma grande quantidade de mulheres, mas ele foi um momento importante, foi o início de um novo percurso de vida. Mesmo alheia, de certo modo, a tudo isso, o sentimento de luta dos militantes era contagiante. Foi uma primeira experiência que deixou marcas. Outras formas de manifestação que passaram a me afetar são grupos que se reúnem no centro para discutir algum ato político.

Experimente passar na calçada da Rua do Acampamento², enquanto um ato está acontecendo próximo ao túnel, por exemplo. É quase impossível sentir imparcialidade em relação à tanta força. Algum sentimento é despertado depois disso, seja de identificação, de aprovação ou de reprovação e repúdio. E isso prova que a luta é capaz de promover a mudança. Mudanças que podem ser configuradas de diferentes ordens, desde políticas e até mesmo pessoais.

Por falar em sentimento que é despertado, preciso mais uma vez fazer a relação com a música. Quando eu era criança meus pais tinham uma coleção de CD's, e, entre músicas tradicionais gaúchas e sertanejas de raiz, havia alguns de MPB (Música Popular Brasileira) e Rock. O meu preferido era o do Raulzito, Raul Seixas, que embora eu não compreendesse com clareza o que ele dizia, sempre

¹ Manifestação organizada por estudantes, professores/as e servidores/as da UFSM na entrada da universidade, com o trancamento parcial da Avenida Roraima. Os/as manifestantes levavam faixas que conscientizavam sobre retirada de direitos e corte de investimentos na saúde, educação e segurança pública. Também distribuíam panfletos para a população e realizavam falas no megafone.

² Rua principal no centro de Santa Maria, marcada pelo túnel e pelo Calçadão de Santa Maria.

cantava junto. Algo naquela batida de rock me chamava atenção. Mais tarde fui entender como ele é um ícone quando se fala de transgressão, rebeldia e luta. E agora entendo que embora tenha demorado um tempo para me identificar com movimentos de luta durante a juventude, quando era criança já havia uma familiaridade com canções de rebeldia e protesto. Por falar em canções, em *Por quem os sinos dobram* Raulzito canta que “Nunca se vence uma guerra lutando sozinho”. Este trecho nos traz um pouco do significado desses processos de resistência e de luta, que é a coletividade, o estar junto.

No ano passado comecei a compreender melhor e construir sentidos diversos para as organizações juvenis que se articulavam, organizavam em mobilização coletiva e em ocupação das ruas entendo-as como instrumentos de luta. A partir disso, passei a me inserir em rodas de conversa organizadas por estudantes e coletivos, atos que começavam na praça da cidade e depois tomavam as ruas e nas movimentações dentro da UFSM mesmo. Nesse processo, vi em professores e colegas, parceiros de caminhada e tudo isso foi importante para entender meu lugar naquele espaço: estudante de uma universidade pública e gratuita. Acontece que a universidade e todo o serviço público, mesmo sendo um direito de toda a população, começaram a sofrer ataques e retrocessos ainda maiores no governo interino, pós golpe e impopular.

O Brasil vivenciou um processo de *impeachment* na presidência, que se iniciou em dezembro de 2015 e se findou em agosto de 2016. A presidenta Dilma Rousseff, eleita democraticamente em 2014, foi acusada e, conseqüentemente, julgada por crime de responsabilidade fiscal, o que acarretou o seu *impeachment* da presidência do Brasil. No período de julgamento, ela foi afastada do seu cargo e, quem assumiu a presidência neste processo foi seu vice, Michel Temer.

Após a concretização do *impeachment*, Temer assumiu definitivamente o cargo de presidente do Brasil e colocou em prática outro projeto de governo que não tem relação com a proposta de governo popular praticado pela presidenta Dilma. Assim que tomou posse, o presidente adotou medidas que afetaram a população brasileira, sendo elas: Proposta de Emenda Constitucional (PEC), PEC 55, atual Emenda Constitucional n. 95 de 2016), Medida Provisória (MP), MP 746, atual Lei 13.415 de 2017), Reforma da Previdência, Reforma Trabalhista, entre outras ações.

A Emenda Constitucional 95 (PEC 55 no tempo das mobilizações e ocupação) altera a Constituição Federal, limitando os investimentos em serviços públicos por 20 anos - com a justificativa de controle de gastos públicos e negociação da dívida do País. O congelamento de gastos em saúde e educação na Emenda 95 é um retrocesso. Pode ser considerada como um processo que tem como objetivo o fim do serviço público, ou seja, o sucateamento da educação e da saúde, que afetará a vida de todos os brasileiros. O Sistema Único de Saúde (SUS) foi resultado de muitas lutas e é a única assistência pública em saúde que as pessoas têm acesso. O corte de verbas afeta negativamente essa instância, com menos contratos de profissionais, medicamentos e manutenção de hospitais e unidades básicas de saúde. A educação pública também será afetada, com redução de vagas para professores/as e estudantes e, sucateamentos de universidades, institutos federais e escolas. Essa medida tem o propósito de sucatear a saúde e o ensino para chegar em um nível em que só a privatização resolveria. Com isso, ocorre a diminuição do ingresso de estudantes na universidade pública e, conseqüentemente, a permanência também é prejudicada, com a redução das bolsas e com a qualidade da educação gratuita.

A Medida Provisória 746, atual Lei 13.415 de 2017 institui a reforma do Ensino Médio, que foi aprovada sem maiores debates e discussões entre a população. Ela altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e propõe um currículo “flexível” para os estudantes, sendo que durante os três anos do Ensino Médio somente 3 disciplinas são obrigatórias. Retira a obrigatoriedade do ensino de Artes e Educação Física (e com isso o direito ao acesso a esses conhecimentos) e oferece um ensino técnico raso, a ser encaixado dentro das horas do ensino regular. Também retirou a oferta de Espanhol como língua estrangeira (BRASIL, 2017).

Entre essas ações estão a Reforma da Previdência, Reforma Trabalhista, reformas políticas e outras. Estas de alguma forma buscam “economizar” dinheiro público, retirando direitos do trabalhador e direcionar investimentos no próprio capital financeiro e em grandes corporações.

Em todo país ocorreram várias manifestações populares da classe trabalhadora e de estudantes em defesa da democracia e, para garantir os direitos que estavam sendo retirados de forma violenta, com a justificativa de melhorias para

o País e de contenção das dívidas. Junto a essas manifestações, ocorreram paralisações em escolas, institutos federais e greve dos professores e técnicos em universidades e escolas de todo País. Nesse mesmo período, iniciaram-se o movimento das ocupações em prédios de escolas e universidades públicas e, algumas universidades particulares. As ocupações tiveram o propósito de viabilizar a luta estudantil juntamente com professores e funcionários públicos e o repúdio aos ataques dos governos federal e estadual. Nessa linha, a retirada de direitos mostra o descaso com a população brasileira, reduzindo as oportunidades da juventude. Como não lembrar da música “Não é Sério” de *Charlie Brown Jr.*?

*Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério (Charlie Brown Jr.).*

4 PALAVRAS DE RESISTÊNCIA: MOVIMENTOS SOCIAIS E MOVIMENTOS DE MULHERES

Embora tanto a música do Charlie Brown Jr que finalizo o capítulo anterior, como discursos do senso comum desvalorizem o jovem, muitos estudos na área da sociologia colocaram o jovem no centro da cena evidenciando o seu papel na sociedade. Segundo Melucci (2001a) a escola é um lugar que possibilita a construção de uma identidade juvenil e em grupos eles protagonizam movimentos juvenis que importam a sociedade.

Nas próximas linhas deste capítulo, serão discutidos alguns aspectos sobre os movimentos sociais, sobretudo a respeito do movimento das ocupações e sobre os movimentos de mulheres. Cada movimento tem suas características próprias, mas, eles compartilham alguns traços comuns, como a participação coletiva, a busca pela transformação social, as raízes na política. Melucci caracteriza alguns movimentos sociais, que são responsáveis por colocar em evidência os conflitos pós-industriais:

Os conflitos pós-industriais, além da novidade dos atores e dos conteúdos, são caracterizados pela sua relação peculiar com os sistemas políticos e com as formas tradicionais de representação. Os movimentos juvenis, feministas, ecológicos, étnico-nacionais, pacifistas não tem somente colocado em cena atores conflitais, formas de ação e problemas estranhos à tradição de lutas do capitalismo industrial, a inadequação das formas tradicionais de representação política para colher de maneira eficaz as questões emergentes (MELUCCI, 2001a, p. 95).

São movimentos que agregam novos conteúdos, novas pautas, novos modos de organização e agregação. A ação verticalizada se transforma, e relações de poder de forma mais horizontalizada ganha força e legitimidade. Não mais um líder que todos precisam seguir, mas vários que se revezam nos lugares de poder, ações mais compartilhadas e diferentes pautas congregam os jovens em torno dos movimentos contemporâneos. “Os movimentos contemporâneos são profetas do presente. Não tem a força dos aparatos, mas a força da palavra. Anunciam a mudança possível, não para o futuro distante, mas para o presente da nossa vida” (MELUCCI, 2001a, p. 21).

Por falar em força da palavra e relações de poder, segundo Sousa (2006, p. 5): “A ideia de participação aparece como uma relação de poder, poder de transformação que, indistintamente, atinge tantos os que estão organizados, quanto aqueles que não estão”. Dessa forma, os jovens que estão envolvidos em algum grupo, coletivo ou movimento, se diferenciam dos que não estão, pois quando a palavra vem de jovens que já estão organizados, a possibilidade de transformação é mais concreta.

Apostando na forma do movimento e na forma de estar junto, busco narrar alguns aspectos de dois movimentos que tiveram repercussões no Brasil, ambos relacionados a ocupações, um que focaliza jovens em geral e outro com olhar para as jovens mulheres.

4.1 PALAVRAS MOVEDIÇAS: MOVIMENTO DAS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS

Aqui procuro tecer algumas reflexões na tentativa de compreender conceitualmente os acontecimentos protagonizados pela juventude secundarista e, posteriormente, por estudantes universitários em ações que foram denominadas de ocupações.

O movimento das ocupações no Brasil teve início no final do ano de 2015, em São Paulo, organizado por estudantes secundaristas, que se posicionavam contra um projeto do governador Geraldo Alckmin, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), de reforma do ensino e fechamento de 94 escolas públicas. Esse movimento de ocupação durou quase dois meses e acabou se tornando uma referência e um modelo de luta da juventude.

Os estudantes secundaristas de Goiás, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul também realizaram o movimento das ocupações, segundo Groppo (2017) essa foi uma primeira onda de ocupações no Brasil que durou até julho de 2016. Uma segunda onda no período de outubro a dezembro e envolveu universidades e 19 estados.

Segundo Groppo (2017), a ocupação pode ser entendida como um processo de formação política. A universidade é um espaço de formação que vai além do desenvolvimento acadêmico e a formação profissional. Ela também faz parte da nossa sociabilidade, coletividade, da nossa formação cultural e política.

Gois e Rodrigues (2017, p. 5) em relação ao movimento das ocupações, afirmam que o movimento: “[...] acabou por questionar, temporariamente, o poder vigente nas escolas e universidades, transformando espaços que tolhem e punem em espaços de vivência e de construção coletiva, se aproximando da formação humana”. Dessa forma, evidencia o potencial que este movimento teve de ressignificar a relação dos/as estudantes com a escola ou a universidade. Este processo recheou a vida nestes espaços, com oficinas, momentos culturais, debates e tarefas coletivas. Gois e Rodrigues (2017, p. 6) também afirmam que “[...] sem dúvidas, as ocupações serviram como um verdadeiro batismo de luta política, coletividade e solidariedade, para milhares de jovens universitários e secundaristas”. Particularmente, considero que foi de certa forma um “batismo”, uma iniciação, um passo ao que hoje constitui minha existência: a participação na luta política, a construção coletiva e a prática da solidariedade.

4.2 PALAVRAS ENGAJADAS: MOVIMENTOS DAS MULHERES

A participação de mulheres em movimentos de luta e organização coletiva provoca transformações na vida não só das mulheres que militam, mas também das que não estão envolvidas nesses processos de resistência, já que os direitos conquistados são para todas, uma vez que um dos objetivos do movimento é envolver, conscientizar e empoderar mais mulheres. Segundo Paludo (2009, p. 13):

Compreende-se que organizar a luta coletivamente representa a possibilidade de incidir para além da própria vida, na vida de outras mulheres e da sociedade como um todo. Acaba-se querendo para todas as mulheres o gosto de poder caminhar na direção da autonomia, realizando-se em outras dimensões e indo para muito além de ser a “rainha do lar”, sendo valorizada no trabalho e respeitada como pessoa que tem o direito de escolher e lutar pelo que quer da sua vida.

Atuar em um movimento social e construir processos de luta coletiva, são formas de fazer política. Quando nós mulheres, futuras professoras, temos a oportunidade de nos inserirmos nesses movimentos e quando nos autorizamos a não aceitarmos menos do que nós merecemos, experimentamos a liberdade de escolhermos e lutarmos por aquilo que acreditamos. Maria da Glória Gohn (2007, p.

44) apresenta aspectos importantes da participação das mulheres em ações coletivas. Para a autora, as mulheres:

Estão nas redes associativas e de mobilização estruturadas em organizações não-governamentais (ongs), nas associações de bairro e nas associações comunitárias, em entidades assistenciais, nas organizações criadas por empresas a partir de políticas de responsabilidade social, em organizações populares que atuam junto a mediadores (como entidades articuladoras e fóruns), nos movimentos sociais propriamente ditos e nos diversos conselhos de gestão pública compartilhada existentes.

O trecho acima mostra que as mulheres têm participado de diferentes mobilizações e formas de organização social, que elas estão construindo muitas ações coletivas e movimentos. Entretanto, embora estejam participando e construindo muitas dessas ações, a participação feminina ainda não é evidenciada.

A invisibilidade das mulheres ocorre em decorrência da cultura machista e androcêntrica, que ainda não consegue perceber a importância das ações protagonizadas pelas mulheres. “Em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela exclusão, os movimentos de mulheres desempenham um papel importante no questionamento do problema da desigualdade” (LOBO, 1991, p. 12). A importância dos movimentos de mulheres ultrapassa a questão do questionamento da desigualdade, pois esta é uma forma das mulheres mostrarem a sua presença política, marcada pela “[...] conquista de espaços de atuação e na constituição social dos seus direitos” (SOUSA, 2006, p. 1). É uma resistência necessária, que produz mudanças a nível pessoal e social.

4.3 PALAVRAS DE REVOLUÇÃO: OCUPA UFSM E OCUPA CE

Neste capítulo são narradas experiências minhas e de duas participantes do movimento Ocupa UFSM. É o momento em que trouxemos à tona nossas memórias, despertando-as ao assistir vídeos produzidos no período do movimento, olhar as fotos, visitar à página disponível nas redes sociais, ouvindo muito samba (trilha sonora oficial do Ocupa CE), inclusive com o aroma de alguns alimentos que faziam parte da nossa refeição naqueles dias. O prédio 16 B deixa marcas em minha memória de cheiro de comida, sonoridade musical, diálogo, esperança, vida,

mudança coletiva, arte, criação, organização... penso que nunca a universidade foi tão viva. Nunca exalou tanta vida! Para construir esse processo de narrativa da experiência e análise das mesmas, foi utilizado um referencial teórico que possibilita ampliar a compreensão do Ocupa UFSM.

Na UFSM, o movimento das ocupações iniciou após assembleias entre os/as estudantes em cada um de seus centros e posteriormente as posições foram levadas a assembleia geral. No dia 7 de novembro de 2016, no prédio do curso de Geografia houve a primeira ocupação. Em seguida, outros centros foram ocupados, entre eles, o CE. Os cursos de Educação Especial e Pedagogia realizaram uma assembleia no dia 9 de novembro, na qual foi deliberado apoio à greve dos técnicos e servidores públicos e os estudantes posicionaram-se contra a PEC 55, sendo cerca de 130 votos a favor e apenas 5 contrários. Aproximadamente 40³ cursos tiveram os prédios ocupados na UFSM por quase um mês.

No dia 11 de novembro, foi realizada a assembleia do Diretório Central dos Estudantes, que reuniu em média 5 mil estudantes, sendo que dois terços representavam os/as que eram a favor do movimento Ocupa UFSM e da greve estudantil e o restante posicionavam-se contra as ocupações. Cada diretório acadêmico teve um tempo para expor o posicionamento decidido em pequenas assembleias realizadas anteriormente nos cursos.

No movimento de ocupações da UFSM, especificamente na “Ocupa CE”, o protagonismo das jovens mulheres pareceu ficar em evidência, já que elas posicionaram-se, organizaram-se e lutaram por direitos e por respeito. As jovens mulheres que historicamente estão ausentes nas pesquisas que tematizam a juventude e que da mesma forma se tornam invisíveis em muitos movimentos protagonizados por jovens, desta vez elas é que deram o tom da ocupação. De acordo com uma das participantes da pesquisa:

³ O movimento Ocupa UFSM ocorreu nos cursos do campus de Santa Maria e também nos cursos descentralizados, no campus de Palmeira das Missões e no de Frederico Westphalen. Entre os cursos que ocuparam ou se mobilizaram contra a PEC 55 estão: Geografia, Comunicação Social, Serviço Social, Psicologia, História, Ciências Sociais, Filosofia, Artes Cênicas, Artes Visuais, Desenho Industrial, Música, Dança, Biologia, Letras, Educação Especial, Pedagogia, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Economia, Relações Internacionais, Física, Matemática, Odontologia, Educação Física, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Enfermagem, Fonoaudiologia, Farmácia.

“A gente tinha a presença sim de homens até mesmo de outros cursos. Mas quem organizava mesmo as comissões enfim, segurança, alimentação, limpeza, era a maior parte se não toda, feminina. Então a gente se organizou muito bem, não tivemos problemas com nada, nos garantimos, nos ‘impusemos’ em relação as decisões e tudo até pra levar nas assembleias que tinha quase toda noite” (M. C.).

A assembleia geral foi conduzida por duas jovens mulheres que estavam sobre o carro de som, assumindo a organização do espaço, a exposição das pautas, os tempos das falas dos representantes dos diretórios e as deliberações. Uma das jovens entrevistadas fala sobre como as ocupações conseguiram contemplar e empoderar sujeitos politicamente:

“Acho que não dá pra negar a contribuição que os meninos têm, mas é, esse diferencial que teve as ocupações partiu muito desses sujeitos que não se viam contemplados nesse movimento estudantil masculino assim. O envolvimento do que é chamado das minorias, mas que na verdade são as maiorias: as mulheres, a população os estudantes LGBTQTS, os estudantes e as estudantes negras. Foram setores que viram as ocupações como um espaço político de opinar sobre essa realidade da universidade” (C. R.).

Em relação a participação pode-se observar que apesar haver participação das mulheres, nem sempre suas vozes são ouvidas. A política pode ser uma das formas de reivindicar o direito à palavra.

A política é, sobretudo, a possibilidade de que sujeitos coletivos se organizem e lutem pela própria ampliação do número dos que têm direito a falar e a ser ouvido no espaço público, bem como o alargamento dos temas e questões que podem ser trazidos à luz do debate (GROPPO, 2017, p. 3).

Entretanto, sabe-se que em um movimento há formas divergentes de pensamento, mas que talvez isso possa se constituir na riqueza do mesmo, conforme aponta uma das jovens ocupantes:

“Acho que se não fosse isso seria de outra forma a ocupação né, se não tivesse essa riqueza de pensamento, de criatividade, de se dispor a pensar o novo né,

porque era um processo novo e não dava pra ser da mesma forma que era antes das ocupações. Então acho que esse foi o diferencial que principalmente as mulheres conseguiram dar né, enriquecer com criatividade, com dinâmica, as ocupações” (C. R.).

Como protagonista desse movimento percebo que esse processo foi de intenso aprendizado uma vez que este não é um lugar pensado para as mulheres. Colling (2004, p. 35) diz que: “Ser mulher significa umas das maneiras de estar no mundo”. No entanto, precisamos pensar quais os lugares de estar no mundo são delegados às mulheres? Há muitas formas explicitar para retirar as mulheres de alguns contextos, mas há também formas implícitas, que se configuram como “violência simbólica” (BOURDIEU, 2017) que retira as mulheres de lugares. Nestes casos, a forma de ação é silenciosa, regida pelo pensamento androcêntrico, que dá as coordenadas de quais os lugares são considerados adequados ou inadequados às mulheres.

No movimento Ocupa CE não considero que o poder nos tenha sido delegado, tampouco percebi que havia barreira para a nossa participação. Estávamos no movimento e isso é que importou na minha formação. Não me sentia atravessando uma barreira, me sentia dentro de algo. Em outros movimentos em que participei que o movimento era pensado para acontecer com o protagonismo das mulheres de algum modo, também me sentia dentro, mas sabia que havia acontecido um planejamento para estar aí. Diferentemente aconteceu no Ocupa CE, que não foi pensado, planejado com antecedência, isso ocorreu posteriormente. A partir da decisão de ocupar, houve um planejamento constante para estar dentro. Assim me sentia parte, pensando em como esse movimento deveria e poderia continuar ao longo dos dias. Em muitos momentos não sabíamos o que fazer e como resolver situações que se apresentavam. Não tínhamos alguém para nos dar ideias de como fazer, que nos ajudasse a resolver, que tivesse “a meu ver” mais experiência, tínhamos que decidir por nós mesmas, criando possibilidades de resolver situações. A experiência que buscávamos não estava fora, em outro sujeito que pudesse “nos salvar”, ela tinha que nascer de nós mesmas e de acordo com a necessidade que aparecia.

O Ocupa UFSM para mim, foi uma forma de encorajar-me a buscar a outra margem, desacomodar e encontrar outros sentidos para o vivido, especialmente em relação a participação política. Percebi que a vida não existe sem política, mas a política que quero fazer é a da participação, da luta por direitos sociais, da luta pela igualdade de direitos, da luta pelo reconhecimento das mulheres... A minha participação foi como um divisor de águas, um deslocamento, uma vez que sinto como se existisse um marco do que sou: antes e após as ocupações. Não sou o que eu era, tampouco sou o que posso pensar que me tornei. Me sinto nesse meio que ousei atravessar de uma margem a outra. Me senti nessa travessia, estive nela, tentei buscar a outra margem, tentei deslocar-me. Esse mistério do que sou ainda procuro. O que senti naquele momento, além do elencado acima também significou transformação, empolgação, parece que ocorreu uma microrrevolução.

Essa sensação de transformação e empolgação pós o Ocupa UFSM, também é relatado por uma das participantes:

“Foi um processo onde tudo começou, antes a gente não dava muita bola pra isso, passava despercebido e aquele contexto acho que empolgou muito assim e fez com que a gente olhasse com outros olhos o que tava acontecendo com a universidade e com o mundo” (M. C.).

No Centro de Educação a ocupação durou 29 dias, contando com o apoio de professores, técnicos em educação e servidores terceirizados. Havia um cronograma de atividades culturais, que variavam entre rodas de conversa e debates sobre a Reforma do Ensino Médio, a PEC 55 e os reflexos na nossa vida, oficinas sobre diferentes temáticas, como vivência do corpo, confecção de filtro dos sonhos e mandalas, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), música, audiodescrição, religiosidade, gênero, racismo, entre outros. Também foram realizadas visitas e rodas de conversas nas escolas estaduais, atos na Praça Saldanha Marinho e nas ruas da cidade e trancamentos na rótula de entrada para a UFSM.

Nesse período de ocupação eu, e as/os estudantes nos revezávamos por turnos para que sempre houvesse um grupo nos prédios. Para isso, nos organizamos por comissões: de segurança, de alimentação, limpeza, comunicação e

para a organização das atividades. Na Ocupa CE, essas comissões eram protagonizadas por nós, jovens mulheres.

As ocupações contavam com doações de alimentos e produtos de limpeza, doados principalmente por professores/as e técnicos/as – alguns destes, participaram ativamente do grupo. Melucci (2001a, p. 23) argumenta que:

Os movimentos contemporâneos se apresentam como redes de solidariedade, com fortes conotações culturais e, precisamente estas características, os diferenciam sempre mais claramente dos atores políticos ou das organizações formais.

Os aspectos culturais foram marcantes no movimento, tanto por agregar uma forma que continha características femininas, de cuidado, do alimentar-se, do limpar, organizar, como também pela música, dança, rodas de conversa, cinema. Esses aspectos enriqueceram a vida na universidade, provocaram mudanças no cotidiano, no tempo presente, como destacou uma das entrevistadas e que evidentemente me identifico.

“Foi um processo que enriqueceu muito a universidade, mostrando que os estudantes e até mesmo os funcionários e professores estavam ali na luta, sendo contra todo o ataque que a gente já vinha sofrendo. Então naquele momento a gente se mostrou muito forte” (M. C.).

A forma de organização do grupo era bastante horizontal, não havia uma liderança específica. As diferentes vozes de todos/as estudantes eram ouvidas. Havia uma expressiva participação de professore/as e servidores/as, que em geral respeitavam essa forma de organização coletiva.

Ao final da assembleia do dia 9 de novembro de 2016, na qual foi deliberada a ocupação do prédio 16B, alguns estudantes já permaneceram no local confeccionando faixas e cartazes para colocar nas janelas e portas do prédio, outros estudantes foram buscar colchões, roupas e mantimentos para passar a noite, e os demais foram para suas casas para retornarem no próximo dia. O hall do prédio 16B se transformou em uma sala e cozinha. As salas de aula se transformaram nos quartos e dispensa de alimentos. As aulas formais não estavam acontecendo, mas todos os dias aprendíamos algo novo e crescíamos como estudantes e militantes.

Nem todos/as estudantes passavam a noite na ocupação. No meu caso por exemplo, saía cedo de casa e ia para o Ocupa passar o dia e, à tardinha, retornava para casa. Era preciso fazer esse tipo de revezamento para que o movimento não enfraquecesse, uma vez que muitos estudantes iam direto da ocupação para seus estágios e demais compromissos.

Recebemos apoio de alguns professores, que além de doarem alimentos e materiais de higiene e limpeza, estavam ali diariamente alicerçando nossas lutas e aprendizagens. Ministravam oficinas de acordo com nossos interesses e necessidades e com a área de estudo de cada docente, conduziam rodas de conversa e, com eles podíamos dialogar sobre o que estava acontecendo naquele momento: os ataques aos nossos direitos, as ameaças à educação e saúde pública, partilhar nossas inquietações em relação à tudo isso e toda euforia que estávamos transbordando sendo parte de um grande movimento de luta e transformação social.

No dia 8 de dezembro de 2016, os estudantes desocuparam os prédios da UFSM. Com a liminar de reintegração de posse⁴ por meio de uma Ação Popular, os estudantes tiveram um prazo de 72 horas para desocupar os prédios sob ameaça de perdas de bolsas, benefícios e multas com valores absurdos. Mesmo com os conflitos e talvez a falta de resultados em nível nacional, como participante do Ocupa CE percebi que foi um tempo riquíssimo para discussão e aprendizagens. Parece que, a grande força que movia esse movimento eram as jovens mulheres.

Não tínhamos um manual a seguir, nem regras previamente pensadas, íamos nos organizando a cada dia, conversando, dialogando com outros/as participantes de outros centros e construindo estratégias de mobilização e gestão do movimento. De acordo com Gohn (2007, p. 56) “[...] a mulher tem que introduzir seu modo de ser na gestão, e não desempenhar apenas um papel planejado por homens, para ser ocupado também por homens”.

Uma das características do movimento Ocupa CE, foi a grande participação das mulheres. Entendemos que o Centro de Educação é frequentado por uma maioria de mulheres o que parece “natural” que sejam elas a protagonizar um movimento. No entanto, mesmo em lugares que temos a maioria de mulheres, os

⁴ Ação assinada pela reitoria da UFSM, que autorizava a ação policial contra os/as estudantes que estavam ocupando os prédios e, criminalizava os mesmos com multas de até 5 mil reais.

lugares de poder não são ocupados por elas. Protagonizar um movimento, pode ser compreendido como um lugar de poder.

Pode também ser considerado lugar de poder aquele fazer cotidiano essencial a organização da vida. Neste sentido a organização cotidiana do movimento agregava aspectos relacionados ao poder em diferentes direções. Essa organização era necessária para o movimento acontecer e por esse viés, ela pode também ser considerada como relação de poder.

Louro (2008, p. 40) com base em Foucault diz que onde há processos de resistência há poder: “A resistência – ou melhor, a multiplicidades de pontos de resistência – seria inerente ao exercício do poder. O poder não apenas nega, impede, coíbe, mas também faz, produz, incita”.

Para que o Ocupa CE se fortalecesse, foi preciso que as/os estudantes se organizassem em comissões que se responsabilizariam por tarefas específicas, como: comunicação (publicações na página do Ocupa pelo Facebook, divulgação do cronograma de atividades), segurança (responsáveis pela entrada do ocupa pela ata com horário de entrada e saída de visitantes), alimentação (responsáveis pelo preparo das refeições e controle do estoque de alimentos), cultural (responsáveis pelo cronograma de atividades culturais, oficinas, rodas de conversa, debates), que se constituíram como estratégias de poder para manter vivo o movimento.

No Ocupa CE, essas comissões eram compostas, principalmente, por mulheres, e o que se evidenciava era o protagonismo feminino não somente por estarem em maior número de participantes, mas por sustentarem o movimento diariamente, pela tomada de decisões, pela representação nas assembleias, ou seja, pelas vozes ativas de quem é capaz de organizar, mobilizar, cuidar. Uma das jovens entrevistadas evidencia esse aspecto:

“É diferente do que a gente acompanhava nos conselhos de curso, nas reuniões de diretório acadêmico, nos próprios diretórios acadêmicos antes das ocupações, acho que foi marcante a participação feminina nas decisões, nas criações das agendas das ocupações. E acho que isso deu um tom diferenciado né, porque isso muda a cara do movimento estudantil que até então vinha sendo tocado principalmente por homens” (C. R.).

Nessas comissões eu percebia que enquanto grupo não sabíamos muito bem como desempenhar cada atividade, nem como manter vivo o movimento, íamos pensando algumas estratégias e uma delas era uma assembleia em todos os finais de tarde em que avaliávamos e pensávamos porque valia a pena estar ali, porque valia a pena estarmos juntos/as. Esse foi um modo encontrado por nós para fortalecer o movimento, para ter força para seguir, para dar continuidade às ações. Esse processo também foi explicitado por outras jovens participantes da pesquisa conforme o relato:

“No processo da ocupação assim eu entendia que eu fazia parte daquele processo, mas não sabia de que forma era aquilo, porque como era uma coisa muito nova e eu não era militante, então não fazia tanto sentido como fosse fazer hoje (...) Mas, me enxergando após esse processo, com muita luta que a gente teve ano passado, a gente não consegue ficar calado com as coisas que a gente escuta por aí, de colegas, amigos, família” (M.C.).

Em pesquisa realizada por Groppo (2017, p. 14) sobre as ocupações realizadas por estudantes nas universidades ele pode compreender “[...] que outras relações de ensino-aprendizagem seriam possíveis na educação formal da própria universidade, ao mesmo tempo em que o espaço da universidade ganhava novos sentidos aos estudantes”.

Durante as ocupações os/as estudantes se permitiram construir novas relações com a universidade, atribuindo outras significações para este espaço de formação e aprendizagens. A participante “C.R” afirmou que durante e após as ocupações ela percebeu a universidade “[...] recheada de uma vida cultural, uma vida política, de debates, espaços de confraternização, espaços de vivência”.

Pelas narrativas o próprio espaço da Universidade adquiriu outra dimensão:

“A gente pensar nosso espaço dentro da universidade, não só absorver o que é proposto ali, mas a gente refletir sobre o que a gente quer que seja a universidade. Que espaço, que conhecimentos ela tem que abordar...e esse foi um pouco do sentido, da lição que trouxe as ocupações” (C. R.).

O Ocupa CE deixou saldos para além do movimento construído dentro da universidade. Ele parece ter empoderado as ocupantes para que se proponham e se encorajem a debater, questionar e se inquietar frente às injustiças e retirada de direitos. “Os movimentos são um sinal. Não são apenas produto da crise, os últimos efeitos de uma sociedade que morre. São, ao contrário, a mensagem daquele que está nascendo” (MELUCCI, 2001a, p. 21). O que nasce sempre é surpreendente, é um começo que não se sabe muito bem como vai ser.

O Ocupa CE nos possibilitou desempenhar nosso papel de resistência, nos constituirmos e nos reconhecemos como militantes, como jovens mulheres que lutam.

A experiência vivida no movimento Ocupa CE me possibilitou ressignificar o espaço da universidade, que, passou a ser um lugar que vai além da formação acadêmica e científica entre quatro paredes. O espaço universitário foi ressignificado, tornando-se um espaço de mobilização coletiva e luta, respeito às diferenças e de estar junto. Conforme Groppo (2017, p. 8):

Para alguém que foi para a ocupação partindo de uma perspectiva pessoal o processo foi a política do medo. Medo dos vários cortes na área de educação, na tão falada privatização das universidades, enfim, no medo da perda de um direito.

Foi pelo medo que tivemos do que estava para acontecer com o nosso País, com os nossos direitos e conosco, que tivemos coragem de ocupar a UFSM que é uma universidade pública e por isso é nossa, como um espaço coletivo.

5 PALAVRAS CONTÍNUAS – SEGUINDO UM PERCURSO

Estas palavras são as finais desta narrativa - entretanto este não é um fim - é somente uma parte da história sobre a participação de mulheres na política e em movimentos sociais. Durante esta narrativa busquei compreender as significações construídas por jovens mulheres no movimento “Ocupa CE” e também quais sentidos esse processo teve para mim. Percebo que a experiência de uma aprendizagem dentro da universidade para além dos conteúdos formais da graduação foi um dos saldos que esse movimento nos trouxe.

O “Ocupa UFSM” produziu uma nova possibilidade para pensarmos o espaço acadêmico, com relações mais humanizadoras e horizontais entre professores/as, servidores/as e estudantes, e com aprendizagens que transcenderam a formação profissional e nos constituíram de uma formação mais rica, que contempla a política, a cultura, a coletividade. A participação feminina neste processo de resistência e construção política ultrapassa a “ordem prática”, a ordem de ações concretas. A luta provoca mudanças: nos transforma, preenche, transborda e revoluciona, para além dos movimentos sociais e políticos. Por isso, falamos em microrrevoluções.

Ao assimilar os referenciais teóricos utilizados e ao produzir uma pesquisa narrativa tive a possibilidade de me enxergar no processo como jovem mulher protagonista de um movimento social e de compreender minha experiência como jovem militante e capaz de produzir política. Esta compreensão de mim mesma ultrapassa a experiência no Ocupa CE e na universidade. Ela me transforma, me empodera, me alicerça e me reinventa como estudante, jovem, mulher e professora. A participação das mulheres no movimento Ocupa UFSM nos fez compreender uma nova forma de fazer política, a partir da participação feminina. Uma política que é o processo e também o resultado de uma luta por voz e visibilidade, uma luta por direitos naturalmente garantidos aos homens e que diariamente são negados às mulheres, uma luta por direito e respeito ao próprio corpo, por relações mais humanitárias e igualitárias no trabalho, em casa, na universidade, nas ruas.

O Ocupa UFSM ressignificou tanto minha relação com o espaço da universidade, que mesmo frequentando o prédio 16B por todo o período do curso, agora, pós o Ocupa CE, toda vez que entro naquele prédio a primeira lembrança que me vem à tona é dos dias que passamos ocupando o hall de entrada e as salas

de aula. Desde o cheiro das salas até o eco dos corredores – para mim aquele lugar nunca mais será somente o ambiente de ir e vir para ter aulas, mas sim um ambiente de revolução pessoal e construção coletiva.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 95, de 2016. Teto dos gastos públicos. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 dez. 2016. Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2016/emendaconstitucional-95-15-dezembro-2016-784029-norma-pl.html>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 17 fev. 2017. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-norma-pl.html>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução por Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de professores ILEEL/UFU. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-38.

CONNELLY, Michel F.; CLANDININ, Jean D. Relatos de Experiencia e Investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame Que te Cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995. p. 11-59.

GOHN, Maria da Glória. Mulheres – atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 6, n. 11, p. 41-70, out. 2007.

GOIS, Allan; RODRIGUES, Bruno. Resistir sem Temer. O futuro da Juventude e a (re)organização do Movimento Estudantil pós-ocupações. **Revista da nova organização socialista**, Porto Alegre, Ano 1, n. 1, p. 04-08, 2017.

GROPPO, Luís Antônio. Ação coletiva e formação política: os coletivos juvenis e a ocupação de uma universidade no sul de Minas Gerais. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís/MA. **Anais...** São Luís/MA: ANPED, 2017. p. 1-16.

KOHAN, Walter Omar. A música da amizade: notas entre filosofia e educação. **Educação**, Santa Maria, v. 43, n. 2, p. 195-206, abr./jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/30840/pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. **La Experiencia de la Lectura: estudios sobre literatura e formación**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003

LOBO, Elizabeth Souza. O gênero da representação: movimento de mulheres e representação política no Brasil (1980-1900). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 17, ano 6, p. 8-14, out. 1991.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001a.

_____. **Vivencia y Convivencia: teoria social para una era de la información**. Madrid: Trotta, 2001b.

PALUDO, Conceição. Movimento de Mulheres Camponesas: há muito para aprender com elas. In: PALUDO, Conceição (Org.). **Mulheres: resistência e luta em defesa da vida**. São Leopoldo: CEBl, 2009. p. 08-15.

SALVA, Sueli. **Narrativas da Vivência Juvenil Feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre**. 2008. 392 p. Tese (Doutorado)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte. Gênero, movimentos juvenis e contestação política. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis/SC. **Anais...** Florianópolis/SC: UFSC, 2006. p. 01-08.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 nov. 2018.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: O protagonismo das mulheres estudantes no Movimento Ocupa UFSM

Pesquisadora responsável: Sueli Salva

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria / Centro de Educação.

Telefone e endereço postal completo: (55) 32308793, Prédio 16, Sala 3354, CEP 97105-970 – Santa Maria RS

Local da coleta de dados: UFSM, Santa Maria

Prezada:

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de forma totalmente voluntária. As questões abordadas na pesquisa serão sobre sua experiência vivida no Movimento Ocupa UFSM. Antes de concordar em participar desta, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. As pesquisadoras (orientadora e graduanda) deverão responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Esta pesquisa pretende compreender quais foram as significações construídas pelas jovens mulheres sobre a sua participação no Movimento Ocupa CE. Acreditamos que ela seja importante uma vez que ainda são poucas as produções acadêmicas que destacam a importância das mulheres nos movimentos sociais contemporâneos. Para sua realização serão feitas entrevistas narrativas com participantes do Movimento Ocupa CE e, posteriormente, a análise das mesmas. Sua participação será por meio de uma entrevista, respondendo um conjunto de questões sobre as experiências vividas no período da Ocupa UFSM em 2016 e, suas impressões após esse processo.

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos: tempo prolongado do diálogo de acordo com o detalhamento das experiências e/ou constrangimento ao ser observada ou entrevistada. Os benefícios que esperamos

com o estudo são: buscar compreender as narrativas e significações construídas por jovens mulheres que participaram das ocupações e que fazem parte da pesquisa, entrelaçando com referenciais teóricos que abordam o tema para compreender o Movimento Ocupa CE, como um movimento de luta coletiva, como um processo de estar junto. Escrever sobre a participação feminina em lutas, pode legitimar o espaço das mulheres como militantes e considerar suas vozes como protagonistas, uma vez que sua participação cada vez mais se evidencia em diferentes ações coletivas.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu RG nº estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria,de de

.....

Assinatura do voluntário

.....

Pesquisadora responsável (orientadora)

.....

Graduanda